

HOMOSSEXUALIDADE E DISCURSO: O ESPAÇO DO SUJEITO “GAY” EM REVISTAS DA DÉCADA DE 60 À CONTEMPORANEIDADE

Dayvesson Deleon Bezerra da Silva¹
Rui Miguel Pereira Caeiro²

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo: é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época.

O presente trabalho busca, em sua essência, estudar e analisar a abordagem discursiva de revistas da década de 1960 à contemporaneidade, bem como o discurso do sujeito “gay” e suas implicações na construção de uma sociedade igualitária, analisando o espaço que esse sujeito ocupou e ocupa, através do *corpus* analisado, à luz da Teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), mostrando como esse importante veículo midiático se porta nessas diferentes décadas.

Para tal análise, foi realizada uma pesquisa em acervos digitais e impressos com o intuito de coletar *corpora* discursivos que servissem de suporte analítico para o estudo em questão. A partir daí, foram constituídos recortes discursivos e analisados à luz dos procedimentos analíticos da própria teoria, sendo

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. e-mail: dayvesson@hotmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. e-mail: rui.caeiro21@hotmail.com

desenvolvidas considerações a partir das noções de formação discursiva, política do silêncio - silenciamento, formações ideológicas e deslizamento de sentido.

A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E O SEU RELACIONAMENTO COM AS MÍDIAS

O discurso foi sempre, para Pêcheux (1975), o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Maltby (2003), “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica”.

Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. Contudo, não parece apropriado atribuir à Análise do Discurso uma designação de disciplina interdisciplinar, como alguns teóricos insistem em fazer, incorrendo na tentação de encará-la como disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria. Além do mais, essa é uma ótica reducionista, que elide sua principal característica de ser uma teoria crítica da linguagem. Orlandi (1996), a esse respeito, imputa à AD a condição de disciplina de entremeio, uma vez que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela opera um profundo deslocamento de terreno.

O primeiro veículo de comunicação de massa focado para a discussão franca e aberta dos direitos das minorias (negros, índios, mulheres) e, principalmente, dos homossexuais, no Brasil, foi o jornal *Lampião da Esquina* (que no segundo número abreviou o nome para *Lampião* apenas), com edição mensal e tiragem de 20 mil exemplares. Foi diante do constrangimento e do preconceito latente que um grupo de jornalistas viu, em fins da década de 1970, a oportunidade certa para fazer valerem seus ideais democráticos. Trata-se de um período em que a discussão a respeito da sexualidade toma de assalto o panorama cultural e político, juntamente com os novos ventos da redemocratização e o fim da censura prévia.

A era das rupturas influenciava o nascimento de uma imprensa altamente especializada, segmentada e de caráter militante, representada pelo jornal Lampião. Aproximadamente 30 anos depois, as mídias impressas, cinematográficas e televisivas começam a tratar da homossexualidade como algo comum. As revistas trazem outro enfoque em seus textos, as novelas mostram o outro lado da homossexualidade e o cinema traz uma abordagem mais delicada e sensível do ser humano homossexual.

A ABORDAGEM DA HOMOSSEXUALIDADE NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

A década de 1950 foi marcada para o sujeito homossexual como uma década em que espaços públicos e privados não atendiam às suas necessidades. Devido ao fato da inexistência de cafés e restaurantes que atendessem a essa clientela, os homossexuais se refugiavam em praias, como dito por Green (1999, p. 256) "... lá é onde você pode mostrar-se para se valorizar. Lugar de valorização, de mostrar seu corpo...". No Rio de Janeiro, os gays juntavam-se em frente à praia de Copacabana, pois ali se sentiam mais libertos. Com o início da década de 1960, uma nova época surgia. Movimentos sociais ligados à liberdade de expressão e cidadania começavam a surgir, ganhando cada vez mais adeptos. Esses movimentos tinham como ideologia quebrar o modelo da ordem imposta naquele período, pois até então os homossexuais eram reféns de uma política repressora, norteadada por preconceitos e discriminação. Assumir a homossexualidade significava ir de encontro a um regime imposto pela sociedade da época, cujo padrão era a heterossexualidade, em que a figura masculina era educada para o casamento e a constituição de família. De acordo com Conde, 2004,

o início da luta dos homossexuais por direitos civis e liberdade individual assim como o Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) tem a sua origem nos anos 60 com o movimento *hippie* que aumentou a discussão política e cultural com a máxima: "faça amor, não faça guerra" contribuindo para que a sociedade acreditasse que a ordem social vigente estava cessando e que uma nova ordem, sem preconceitos e mais igualitária estaria surgindo.

Na segunda metade da década de 1960, instaurou-se no Brasil uma ditadura militar sob o pretexto de combater a ameaça do comunismo. As forças armadas tomam o poder e suspendem a liberdade democrática básica dos cidadãos.

A ABORDAGEM DA HOMOSSEXUALIDADE NAS DÉCADAS DE 70 E 80

Na década de 1970, após o decreto do Ato Institucional 5 (AI-5), o governo passa a ter poderes para cassar direitos políticos e individuais e assim mergulha-se numa época de terror contra aqueles que discordavam da política governamental de então. Muitas pessoas foram arbitrariamente presas e a imprensa colocada sob rígida censura. Orlandi (2007) afirma que a censura procura estancar o movimento social e histórico do sentido que produz os sujeitos em seus processos de identificação.

No Brasil, ao final da década de 1970, inicia-se um processo de abertura política, com várias manifestações das classes operária e estudantil exigindo a democracia e condições sociais mais justas para os trabalhadores e sociedade brasileira em geral. Em meio a esse clima de mudança, surge em 1978 o Jornal “O Lâmpião da Esquina”, abordando temas associados à sexualidade, cultura, gênero e discriminação racial. Inspirados nessa publicação, homossexuais de São Paulo começam a se reunir informalmente, discutindo também o processo de criação da primeira organização em defesa de seus direitos: o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, em 1979.

Depois de um considerável avanço, dos anos 1950 a meados dos anos 1970, há um enorme retrocesso, devido ao surgimento da AIDS e à grande associação da epidemia com o homossexual. A relativa liberdade que se estabelecia no Brasil, a partir do afrouxamento do autoritarismo dos anos da ditadura militar, é progressivamente eliminada e o discurso de censura recrudescer.

Ferrari (2012), afirma que o que era dito sobre o homossexual (o já-dito) é que ele mantinha com a doença (a AIDS) uma relação de causalidade: ser homossexual e estar contaminado era uma equação linguística. Na década de 1980, a AIDS era o motivo principal para se escrever sobre esses sujeitos que eram

tratados nas revistas como responsáveis por essa conversão sorológica. Segundo o mesmo autor, homossexualidade era sinônimo de doença, pecado e/ou crime, aparecendo em editoriais voltados para a saúde e ciência. Por estarem diretamente ligados à AIDS, esses sujeitos tinham suas vozes silenciadas aparecendo, quando era o caso, nas revistas para reproduzir os discursos religioso e médico. Um exemplo disso foi a foto veiculada pela revista *Veja* no mês de setembro de 1985, em que um cabeleireiro foi levado a mostrar seu teste negativo para HIV, com a expressão “alívio” escrita no alto da matéria, mostrando, com isso, a Formação Discursiva (FD) hegemônica que relacionava a homossexualidade ao indivíduo soropositivo, ou seja, sou gay, sou promíscuo, mas não estou contaminado.

Devido à imposição da mídia e da sociedade em seus discursos (sociedade e mídia formadas por uma FD heterossexual), era visível a presença de promessas de uma “nova vida” assim que se descobriam portadores do vírus. Por parte do discurso médico, o homossexual contaminado, ao se tornar religioso, evitaria à relação sexual, conseqüentemente, a propagação da doença.

Aproximadamente 20 anos depois do rótulo dos gays como proliferadores da AIDS e do mínimo espaço dedicado aos temas relacionados ao homoerotismo nas revistas, temos, atualmente, um novo olhar da mídia acerca deste público. O que antes era tratado pela mídia impressa como perversão, patologia e até mesmo desvio de conduta, cede espaço ao diálogo “aberto” e ao “respeito”. Temos hoje, no Brasil, uma mídia que, com o passar dos anos, vem buscando incessantemente tratar o homossexual igualmente, o que nos leva a perceber, segundo Indursky (2011), que o fechamento das FDs não é rígido e suas fronteiras são porosas, permitindo migração de saberes. O que era publicado anteriormente pela revista *Veja*, aqui citada como exemplo, em espaços e letras reduzidas com fotografias monocromáticas, cede espaço a esclarecimentos e relatos pessoais, numa perspectiva de inclusão social.

Rompendo assim a voz do silêncio e indo de encontro aos modelos convencionais, diversos artistas decidem “sair do armário,” expressão atribuída ao homossexual que se assume depois de um período de negação de sua orientação sexual, mostrando que ser gay não implica preconceitos na sua carreira artística, ao

contrário, a deixa mais sólida e fidedigna. A cantora Daniela Mercury, ao anunciar a união com a jornalista de televisão, a quem chama de esposa, tornou obrigatória a discussão sobre o casamento gay no Brasil. (Revista Veja, abril/2013). A expressão “tornar obrigatória” chama a atenção neste contexto, pois traz a tona a discussão sobre a homossexualidade para toda a sociedade, por se tratar de uma pessoa pública em questão, pois

as palavras, expressões, proposições, etc... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscreveram. (PÉCHEUX, 1997a, p. 160).

Ainda na mesma revista, a referida cantora afirma que *não suportaria ficar escondida. E o único jeito de não ficar escondida, com medo das fofocas, foi tratar isso como uma coisa natural – que, de fato, é. Eu quero ajudar a fazer com que o amor entre duas pessoas – no caso, duas mulheres – também seja encarado por todo mundo como algo normal.* As expressões “Eu quero ajudar” e “normal” determinam o posicionamento de uma personalidade internacionalmente conhecida, pois, de acordo com Mariane e Magalhães (2011), a linguagem se marca como uma imposição, se antecipa à nossa existência, é anterior, estabelece alteridade e nela estão inscritos os lugares de autonomia e legitimidade de uma formação social historicamente determinada.

Outro exemplo abordado pela mesma revista, na mesma edição, foi o casal homossexual Turíbio e Zezinho Santos, que relatam o seu anseio pela igualdade de direitos, como o casamento: *“quisemos casar no religioso porque era o modelo que conhecíamos. Como nossos irmãos se casaram assim, também queríamos passar por essa experiência”.* Direitos como os assegurados ao casal estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz “... toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades [...], sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo [...], ou qualquer outra condição...” É notório o deslizamento de sentido sofrido pelas revistas. A homossexualidade neste contexto, sai dos editoriais de Saúde/Ciência para ocupar hoje editoriais como Comportamento e Gente.

DO “AVANÇO” AO “RETROCESSO”

No cenário da política brasileira, o deputado federal Jair Bolsonaro, em entrevista concedida à Revista Época, de fevereiro/2011, usa expressões pejorativas colocando em xeque o caráter do homossexual. Diz ele: “o primeiro passo para desgraçar um país é mexer na célula da família. Eles vão atacar agora o ensino fundamental com o ‘Kit Gay’, que estimula o ‘homossexualismo’ e a promiscuidade... quando eles falam em agressões, é em horário avançado, quando as pessoas que têm vergonha na cara estão dormindo. A regra deles é a porrada e querem acusar nós, os normais, os héteros.” (REVISTA ÉPOCA, FEV. 2011).

O discurso do deputado é pautado no modelo tradicional de família, onde se observam os sentidos recorrentes da década de 1980, ou seja, normalidade passa a ser sinônimo de heterossexualidade e anormalidade de homossexualidade.

Ainda no contexto político nacional, o deputado federal e pastor evangélico Marco Feliciano mostra-se intransigente em seu discurso, no que diz respeito à homossexualidade: *“Vindo para cá no aeroporto vi dois homens se beijando de língua e tocando suas partes íntimas,” afirmou em um programa de televisão, sendo retrucado pelo apresentador: e você, não teve tesão?“. “ Se as pessoas quiserem beijar, beijem, façam o que quiser, mas não na frente dos meus olhos”, disse o pastor. “ É constrangedor para uma pessoa de família”.O mesmo deputado, em entrevista concedida à Revista Veja, afirma que: “ o casamento gay fere os direitos da igreja...faço a minha parte. Nosso país é conservador”. “União homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado” (REVISTA VEJA, abril/2011). Com esta afirmação, Feliciano vai de encontro ao Artigo 5º da Constituição Federal – igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza e garantia da inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da AD possibilita um enriquecimento no campo da interpretação, fazendo com que o pesquisador em AD torne-se um estudioso do discurso, de forma a perceber os meandros de um dado objeto de pesquisa.

Espera-se que a temática abordada neste trabalho seja estudada no âmbito da AD em diferentes *corpus*, a exemplo das redes sociais e outros textos publicitários, bem como telenovelas, e continue causando inquietação, gerando assim novas produções acadêmicas, estimulando a discussão sobre a homossexualidade, de forma a contribuir com a quebra de paradigmas estabelecidos pela sociedade conservadora, como também desmistificando conceitos e opiniões relacionadas a tal público, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

CONDE, M. C. F. *O Movimento Homossexual Brasileiro, sua Trajetória e seu Papel na Ampliação do Exercício da Cidadania*. 2004. 173 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade de Federal de Goiás, Goiás, 2004.

FERRARI, A. Discurso e (homo)sexualidade. In: MARIANI, B; Medeiros, V. (org.) *Discurso e ...* Rio de Janeiro: 7 letras, no prelo, 2011.

GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

HOLANDA, Chico Buarque de, In: *Chico Buarque de Holanda*, vol. 3, São Paulo : RGE 1967.

INDURSKY, F. A memória da cena do discurso In: MITTMANN, S. FERREIRA, M. (org.) *Memória e história na/da análise do discurso*. São Paulo: Editora Mercado de letras, 2011.

MAGALHÃES, B. *As marcas do corpo contando a história*. Maceió: EDUFAL, 2005.

MALDIDIER, D. A Inquietação do Discurso. *(Re)Ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas (SP): Ed. Pontes, 2003 (tradução Eni P. Orlandi).

MARIANI, B. “Uma análise do discurso desejanter” In: NAVARRO, P. (org.) *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. Araraquara: Editora Claraluz, 2008.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.42: 21- 40, jan.jun. 2002.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

REVISTA ÉPOCA, fevereiro de 2011

REVISTA VEJA, Ano 39 - nº 09, de 10 de abril de 2011.

REVISTA VEJA, Ano 46 - nº 15, de 10 de abril de 2013.

REVISTA VEJA, nº 884, de 14 de setembro de 1985.